

Entre 1965 e 1967, o Teatro de Arena de São Paulo contou *Zumbi*. O espetáculo, um musical, revisitava a história do Quilombo dos Palmares, de modo a erigi-la em comentário sobre acontecimentos bem mais recentes: o golpe militar de 1964. Pelo teor político, pela forma inusitada, pela vitalidade, *Arena Conta Zumbi* marcou toda uma geração. Não será, pois, de estranhar que as impressões deixadas pela peça frutifiquem de vários modos, inclusive sob a forma de textos e pesquisas empenhadas em compreender e contar o Teatro de Arena. Mas, sem dúvida, é inesperado ver essa história contada em francês.

O autor de *Le Théâtre Arena*, Richard Roux, ouviu, em 1966, o disco em que se registra *Arena Conta Zumbi* (1). No ano seguinte, estando no Brasil, foi assistir ao espetáculo. E o impacto sofrido não foi pequeno. Roux, que nunca vira antes uma encenação em arena, foi, conforme declara, imediatamente conquistado “*par la vérité de ce jeu, par le contact direct entre public et comédiens et par le ton plein de critique et de drôlerie qui semblait caractériser le Théâtre Arena*”.

O resultado desse encontro entre o visitante francês e o teatro brasileiro acabou por tomar corpo nos dois volumes publicados pela Université de Provence, nos quais se reconstrói a trajetória do Teatro de Arena de São Paulo, desde as primeiras experiências, realizadas na Escola de Arte Dramática, em 1951, até o final melancólico nos anos 70.

Em *Le Théâtre Arena*, a história do elenco paulista é dividida em duas etapas, bem caracterizadas pelo título dos capítulos IV e VIII, a saber: “Le Théâtre Arena de José Renato” e “Le Théâtre Arena d’Augusto Boal”. Entre uma e outra etapa, uma transição, tratada por Roux em um capítulo a que dá o título, também muito significativo, de “Vers un Théâtre Populaire”. Coloca-se, portanto, a questão do teatro popular no centro das transformações sofridas pelo Arena.

Roux não estabelece, porém, etapas estanques. Examinando as possibilidades estéticas oferecidas pela encenação em arena, leva-nos a perceber como a forma, escolhida por José Renato em função de critérios econômicos, irá se revelar um instrumento de expressão favorável às ambições de um grupo (TPE/Boal) armado de uma concepção política do teatro.

Entre as contribuições trazidas pela nova forma de encenação, Roux não deixará de acentuar a inevitável simplicidade que levará os espetáculos a se sustentarem sobre o único elemento insubstituível do teatro: o ator. Também irá destacar a ambiguidade e tensão nas relações cena/público, propiciadoras de um tipo de participação bem diversa daquela que se tem nos espetáculos em palco italiano.

O livro não se resume à recomposição, bem documentada, da trajetória do Teatro de Arena. Como observa, no prefácio, Sábato Magaldi, o título da obra é modesto em relação ao que ali se realiza.

Para situar e distinguir seu objeto, Roux retoma a história do nosso teatro, desde os anos 30, traça um painel dos acontecimentos políticos no Brasil, da era Vargas ao pós-milagre brasileiro, além de estender-se sobre fundamentos teóricos relacionados às realizações do Teatro de Arena.

A obra é bastante extensa, e parece, às vezes, enveredar por caminhos que não levam ao objeto. Compreende-se: questões que, de uma perspectiva brasileira talvez não se colocassem, ganham pertinência no contexto em que a obra foi produzida e publicada. E, se o caminho se alonga, nem por isso o leitor se perde pelos meandros de informações, e nem deixa de registrá-las com proveito.

Talvez a necessidade de apresentar um grande número de informações para leitores não familiarizados com a arte e a história brasileira explique alguns problemas relativos à organização do livro de Roux. Ali, cada assunto (panorama histórico, teatro popular, teatro de arena, etc.) é tratado em capítulos isolados, sem que se façam suficientes inter-relações. Experiências particulares são colocadas, horizontalmente, no mesmo pé que amplos movimentos.

Quem viveu (e fez) o período estudado por Roux notará pequenas falhas de informação, que não comprometem o trabalho. Às vezes, porém, elas prejudicam o encaminhamento de conclusões. Assim, no apanhado feito pelo autor, alguns fatos ficam confundidos. Por exemplo, a destruição da Faculdade de Filosofia da rua Maria Antônia parece ocorrer imediatamente após o golpe de 64.

Como ainda estou convencida de que a proximidade - não só, mas também - física da universidade

CLAUDIA DE ARRUDA CAMPOS

Teatro brasileiro contado em francês



CLAUDIA DE ARRUDA CAMPOS é professora de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH-USP e autora de *Zumbi, Tiradentes* (Edusp/Perspectiva).

Le Théâtre Arena (São Paulo 1953-1977), Richard Roux, Université de Provence, 1991.

AUGUSTO BOAL

1 Disco Som Maior, 1985.

é um dos principais fatores que explicam e dão sentido a realizações do Arena, entendendo valioso situar organicamente os momentos de aglutinação e dispersão dos estudantes.

A dispersão pós-68 ilumina, entre outros aspectos, a inutilidade do gesto, talvez ingênuo, de Arutim, ao tentar manter em sobrevida o Teatro de Arena. Este não perdera, para os tempos sombrios, apenas seu diretor, Augusto Boal, e boa parte de seu elenco. Perdera ainda o público e a oportunidade histórica para um teatro selado com a marca da combatividade. Aliás, um dos bons serviços que nos presta o trabalho de Richard Roux é a reconstituição dos últimos tempos da casa da rua Teodoro Bayma, após a saída de Boal, um período, como também observa o autor, negligenciado nos estudos brasileiros sobre o Arena. E aqui, como em outros momentos do livro, Roux não evita certos dados de bastidores, diria até da cozinha, dos fatos: quem brigou com quem (ou não brigou); quem pensa o quê de quem... revelações do miúdo e do cotidiano, mostras de que realizações importantes são feitas por homens de carne e osso, com ideais e fraquezas.

A principal fonte para reconstituição dos bastidores vem das dezoito entrevistas que são publicadas no 2º volume de *Le Théâtre Arena*. Trata-se de um material cuja fluidez sugere cuidados. Mas o autor se vale também de outros recursos (livros, jornais, materiais de arquivos) e, sobretudo, evita posicionar-se pesadamente em relação aos depoimentos, alinhando-os como outras tantas vozes que vão compondo a história, ou histórias.

É preciso ressaltar que as entrevistas, bem conduzidas, não se limitam às chamadas questões de bastidores. Elas recuperam, vivamente, montagens, opções estéticas e ideológicas. E o autor consegue levar seus entrevistados à fixação de fatos, eludindo construções idealizadas da memória.

O livro traz ainda outra contribuição aos estudos sobre o teatro brasileiro: uma galeria dos atores que passaram pelo Teatro de Arena, com fotos (tiradas, em geral, de programas das décadas de 50 e 60) e um resumo da trajetória de cada um.

Tendo contado o Arena com (quase) todo o seu entorno, o livro não se detém. Trata ainda de destacar e expor a principal questão em torno da qual giram as opções do Arena, na década de 60: uma idéia de teatro popular. Mais uma vez, o autor alarga o foco, resumindo algumas concepções de teatro popular: a de José Renato (e de Sábato Magaldi), influenciada por Jean Vilar; a do CPC; do MCP, de Boal e seu *Teatro do Oprimido*, além da experiência, mais recente, de Maria Helena Kuhner, no Rio de Janeiro.



Agência Folhas

Richard Roux conclui que a história do Teatro de Arena não se encerra com a venda do prédio ao SNT, em 1977, porque permanecem os escritos e experiências de teatro popular. Sobre esta questão, o salto operado por Roux, da década de 60 para Maria Helena Kuhner, deixa no caminho os filhotes do Arena e as diversas formas de resistência teatral que se espraiam pela periferia de São Paulo nos anos 70, experiências - felizmente - recuperadas pelo valioso trabalho de Silvana Garcia (2).

Relembrar essas experiências, como resgatar outras tantas que, seguramente, existirão por este país tão pouco conhecido, só confirma o olhar de Roux - o Arena é um ponto alto num percurso que vem dos anos 30 e que, esperamos, não se tenha encerrado, já que é o percurso de uma busca estética e política do teatro brasileiro.

Confirmam-se ainda as conclusões a que cheguei, vindo também do encantamento de *Zumbi* para examinar a história do Teatro de Arena. As coisas e as gentes deixaram marcas. Prova é o interesse que levou, nos últimos anos, ao aparecimento de vários estudos sobre o teatro brasileiro, até chegarmos a esta história, contada por Roux, de tão longe e tão perto dos fatos.

CENA DA PEÇA ARENA
CONTA ZUMBI. DE 1988

2 Silvana Garcia, *Teatro da
Mitância*, São Paulo, Pers-
pectiva/Eduesp, 1990.